

Basílio Pirro: um engenheiro a serviço do império, 1848- 1880

*Amâncio Cardoso**

Resumo

Este artigo tem como objetivo fazer o percurso da trajetória biográfica de Sebastião José Basílio Pirro (1817-1880), engenheiro militar que deixou seu nome marcado pela elaboração do primeiro projeto da então nova capital de Sergipe, Aracaju, em 1855. Essa trajetória foi realizada a partir do exame de diversas fontes de época (jornais, relatórios, cartas, ofícios, memórias) para compreender a dimensão da importância de Basílio Pirro como funcionário do governo imperial em serviço não apenas na província de Sergipe, mas também nas demais províncias do Brasil, trabalhando como militar do corpo de engenheiros do Exército. Portanto, analisa-se a trajetória de Pirro em relação aos diversos campos sociais, para situar sua dimensão no contexto da sociedade brasileira do século XIX.

Palavras-chave: Engenheiro Pirro, Trajetória biográfica; Século XIX.

* Mestre em História pela Unicamp, 2001. Professor do Instituto Federal de Sergipe, 1994. Especializado em Geografia Agrária pela UFS, 1996. Licenciado em História pela UFS, 1990.

Basílio Pirro: an engineer at the service of the empire, 1848-1880.

Basílio Pirro: un ingeniero al servicio del imperio, 1848-1880.

Abstract

This article aims to trace the biographical trajectory of Sebastião José Basílio Pirro (1817-1880), a military engineer who left his name marked by the elaboration of the first project of the then new capital of Sergipe, Aracaju, in 1855. This trajectory was carried out from the examination of several sources of the time (newspapers, reports, letters, letters, memoirs) to understand the dimension of the importance of Basílio Pirro as an official of the imperial government in service not only in the province of Sergipe, but also in the other provinces of Brazil, working as a member of the Army Corps of Engineers. Therefore, Pirro's trajectory is analyzed in relation to the various social fields, in order to situate his dimension in the context of Brazilian society in the 19th century.

Keywords: Engineer Pirro, Biographical trajectory, 19th century.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo rastrear la trayectoria biográfica de Sebastião José Basílio Pirro (1817-1880), ingeniero militar que dejó su nombre marcado por la elaboración del primer proyecto de la entonces nueva capital de Sergipe, Aracaju, en 1855. Esta trayectoria fue realizado a partir del examen de varias fuentes de la época (periódicos, informes, cartas, memorias) para comprender la dimensión de la importancia de Basílio Pirro como funcionario del gobierno imperial en servicio no solo en la provincia de Sergipe, pero también en las demás provincias de Brasil, trabajando como miembro del Cuerpo de Ingenieros del Ejército. Por lo tanto, se analiza la trayectoria de Pirro en relación con los diversos campos sociales, con el fin de situar su dimensión en el contexto de la sociedad brasileña en el siglo XIX.

Palabras clave: Ingeniero Pirro, Trayectoria biográfica; Siglo XIX.



Introdução

Na história da mudança da capital de Sergipe, alguns personagens ganharam considerável evidência por suas ações nesse episódio marcante. Tomemos como exemplos o presidente Inácio Joaquim Barbosa (1821-1855), que administrou o processo de mudança; o Barão de Maruim, João Gomes de Melo (1809-1890), que coordenou o apoio político-partidário da causa; e por fim o engenheiro Basílio Pirro, que elaborou a primeira planta do projeto da nova capital, num sítio paludoso cujas repartições públicas “funcionavam em casebres feitos à pressa” (FREIRE, 2013, p. 370).

No entanto, ao contrário dos dois primeiros, a historiografia nos legou exíguas informações sobre Basílio Pirro. Ele ficou marcado, no imaginário coletivo, apenas como o engenheiro que fez o plano inicial de Aracaju, o quadrante Pirro, numa circunstância de diligência para concretizar a Resolução 413, que fundou a nova capital de Sergipe em 17 de março de 1855 (ALMEIDA, 2002, p. 239, v. 2).

Porém, outras informações sobre serviços prestados pelo engenheiro Pirro são escassas, ou até mesmo desconhecidas. Desse modo, levantamos os seguintes problemas: quais os serviços mais relevantes prestados por Basílio Pirro ao Império e, especificamente, à província de Sergipe? Como foi a trajetória de Pirro enquanto militar do Corpo de Engenheiros do Exército, a serviço do Ministério da Guerra?

Assim, o objetivo desse artigo é responder as questões acima, a partir do exame de diversas fontes, para compreender a dimensão da importância do engenheiro Pirro como funcionário do governo imperial brasileiro.

Neste sentido, seguiremos o percurso de Basílio Pirro pelas províncias onde prestou serviços. Para tanto, trocaremos a noção de biografia pelo conceito de trajetória. Esta é um caminho cujo itinerário de pesquisa é menos aprofundado em relação à biografia, mas não se deixa de analisar os campos sociais para situar o agente histórico no contexto em que se encontra inserido (SCHWARCZ, 2013, p. 56).



1 - Engenheiro Pirro na Província de Sergipe (1848-1860)

Sebastião José Basílio Pirro nasceu no Rio de Janeiro, em 1817.¹ Ele era filho de José Basílio Pirro e da portuguesa Margarida Rosa de Avelino Pirro.² Estudou na Escola de Marinha em 1835, chegando a 2º tenente. Depois passou para o Corpo de Engenheiros do Exército, em 1843, após receber o grau de bacharel em matemáticas na Escola Militar da Corte. Pirro exerceu várias comissões a serviço do Ministério da Guerra, nas províncias de Sergipe, Amazonas, Pernambuco, Espírito Santo, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Na província de Sergipe, o 1º tenente engenheiro se apresentou em São Cristóvão no dia 14 de dezembro de 1848 para dirigir as obras públicas. Ou seja, ele aportou na antiga cidade quase sete anos antes da mudança da capital.

O engenheiro militar permaneceu em Sergipe cerca de doze anos, entre 1848 e 1860. Foi aqui que Pirro conheceu sua esposa, a sergipana Maria Vitória Pinheiro Pirro (1834-1880), com quem teve três filhos: Afonso (faleceu recém-nascido), Antônio Sebastião Basílio Pirro e José Sebastião Basílio Pirro.³

Quanto à atuação profissional em Sergipe, um dos primeiros trabalhos de Pirro foi fazer parte da comissão que decidiu demolir a nova torre do Convento de São Francisco, em São Cristóvão, que estava para ruir, apresentando fendas na parede de adobe, e cuja altura era desproporcional à antiga edificação. Outra torre foi construída sob a direção de engenheiro Pirro (GOES e VASCONCELOS, 1849, p. 34-35).

As principais obras realizadas ou inspecionadas por Basílio Pirro, antes da mudança da capital de Sergipe, foram: em São Cristóvão –

1 Segundo Sacramento Blake e o Almanak do Ministério da Guerra, Pirro nascera em 1817. Mas conforme um jornal da época, ele teria nascido em 1818. (BLAKE, 1902, v. 07, p. 210); (ALMANAK DO MINISTÉRIO DA GUERRA, 1873, p. 18); (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1880, nº 114).

2 No século XIX, a grafia do sobrenome Pirro era “Pyrrho”.

3 Frei José de Santa Cecília (1809-1859), músico e poeta de São Cristóvão-SE, dedicou um soneto ao filho de Pirro, finado recém-nascido, Afonso. Engenheiro Pirro tinha três irmãos e uma irmã: José Basílio Pirro; João José Basílio Pirro; José Deolindo Pirro e Maria da Graça Pirro Calvet. (JORNAL DO COMMERCIO, 1864, nº 198.); (CORREIO SERGIPENSE, 1849, nº 80); (JORNAL DO COMMERCIO, 1880, nº 117).



inspeção da obra do mercado; da calçada do porto das Salinas; planos das pontes dos rios Poxim, Poxim-mirim e São Gonçalo; aterro da ladeira do açougue e da rua São Francisco; reparos no salão da biblioteca e casa da tipografia; obra da fonte de água potável na ladeira de São Miguel; obra da estrada da antiga capital até Laranjeiras; planta do canal entre os riachos Poxim e Santa Maria. Em Estância - plano das pontes dos rios Piauí e Fundo, e exame da ponte do Piauitinga. Em Itaporanga - reparos na ponte do rio Pitanga. Em Nossa Senhora do Socorro - casa da Mesa de Rendas no povoado do Aracaju; entre outras obras nos demais lugares da província (SILVA, 1852, p. 32-39).

Em 1850, engenheiro Pirro fez parte da comissão encarregada de revisar o Regulamento de Obras, para dar melhor andamento e “evitar abusos” na fiscalização e direção dos trabalhos na província (ANDRADE, 1850, p. 01-04). Sob este novo regulamento, o engenheiro executou em Sergipe plantas, orçamentos, inspeções, reparos e direção de obras em ruas, pontes, estradas, canais, mercados, templos, prisões, fontes, casas e sobrados. Sua labuta era intensa por causa da exiguidade de outros engenheiros, além das precárias condições de trabalho e salário (SILVA, 1859, p. 01-02).

Mas desde agosto de 1849, o soldo de Pirro havia melhorado porque o 1º tenente fora promovido a capitão graduado do corpo de engenheiros do exército.⁴ Entretanto, o capitão Pirro não trabalhou apenas em obras públicas. Devido a sua formação, ele era convidado eventualmente para participar de bancas de exame de candidatos a professores de primeiras letras. Nestes concursos, além de sua capacidade intelectual, ele era convocado por sua solicitude, diligência e retidão moral.

Exemplo disso são as declarações sobre seu perfil expressas pelos presidentes da província Amâncio João Pereira de Andrade e Inácio Joaquim Barbosa (1821-1855), os quais escolhiam os membros das

4 As graduações militares conquistadas pelo engenheiro Pirro foram as seguintes: ele assentou praça a aspirante de guarda-marinha em 23 de dezembro de 1835. Passou a guarda-marinha em 27 de novembro de 1837. Em 11 de setembro de 1843, tornou-se 2º tenente. Passou a 1º tenente em 14 de março de 1845. Em 27 de agosto de 1849, passou para capitão graduado. Em 13 de julho de 1852, tornou-se capitão efetivo. Em 02 de dezembro de 1856, tornou-se major por merecimento. Em 18 de fevereiro de 1865, passou para tenente-coronel, também por merecimento. Em 11 de novembro de 1874, tornou-se coronel por antiguidade (GÁVEA, 1880, p. 42).



comissões para os concursos ao magistério. O primeiro declarou que Pirro era “hábil, inteligente, zeloso e expedito”; e o segundo afirmou que o engenheiro era “muito inteligente, prático e ativo” (ANDRADE, 1851, p. 28) e (BARBOSA, 1854, p. 22). Até jornais da Corte, a Gazeta de Notícias (1880, nº 114), e outro de Pernambuco, Jornal do Recife (1880, nº 106), onde o engenheiro também atuou, escreveram que seus filhos herdariam “um nome honrado”.⁵

A demanda profissional de Basílio Pirro em Sergipe aumentou após a mudança da capital para Aracaju, durante a qual o engenheiro foi responsável pela administração de diversas obras. Assim sendo, o presidente Inácio Barbosa respondeu a uma solicitação da Câmara de Santo Amaro dizendo que os vereadores seriam atendidos logo que o engenheiro Pirro ficasse “menos atarefado dos diversos objetos que ora tem a seu cargo” (CORREIO SERGIPENSE, 1855, nº 25).

Entretanto, as construções na nova capital foram paralisadas entre agosto de 1855 e fevereiro de 1856, devido à pandemia de cólera que ceifou a vida de significativa parcela da população. Além disso, houve o falecimento do presidente Inácio Barbosa no auge da pandemia por febre palustre, em outubro de 1855, consequência dos trabalhos por ele acompanhados da retirada dos mangues e do aterro de alagadiços (CARDOSO, 2001).

Neste contexto, Pirro auxiliou os doentes coléricos, tanto em Aracaju como na Barra dos Coqueiros, prestando “socorros humanitários”. Mas, com o fim do cólera e a chegada de um novo presidente, o qual pediu ao Imperador a permanência de Pirro em Sergipe, as obras foram retomadas (TRAVASSOS, 2004, p. 62).

Os primeiros projetos de Pirro na nova capital, foram a fatura da primeira planta de Aracaju e a de uma igreja sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Mas ela ficou apenas nos alicerces por morte de Inácio Barbosa e pelos impactos do cólera.⁶

5 Entretanto, um leitor anônimo escreveu num jornal de oposição que Pirro sustentaria uma amásia em São Cristóvão-SE; e que também se utilizaria de três africanos livres para servirem a ele e a sua família, mas que estariam a seu dispor apenas para serviços públicos (A UNIÃO LIBERAL, 1854, nº 122).

6 Uma cópia da planta feita pelo engenheiro Pirro para a construção de Aracaju ficou arquivada na Secretaria da Presidência da Província (CORREIO SERGIPENSE, 1861, nº 64).



Porém, passada essa fase crítica, o então major Pirro desenvolveu outros importantes trabalhos, tais como: planta e orçamento da nova Alfândega em Aracaju; organização do mapa das linhas do correio; planta da cadeia de Aracaju; pontilhão de pedra do riacho Panção e ponte do riacho Cabral, braços do rio Japarutuba; serviços de desobstrução do canal Pomonga; planta e orçamento do Hospital de Caridade de Aracaju; e o alinhamento e nivelamento da nova capital (PYRRHO, 1859).

Em janeiro de 1860, Pirro fez parte da comissão de recepção de D. Pedro II, da Imperatriz e suas comitivas em Sergipe. Neste evento, o major de engenheiros desenhou a planta do atracadouro para desembarque do casal imperial na cidade de Laranjeiras. Em Aracaju, ele projetou um “castelo” cenográfico na praça do Palácio (atual Fausto Cardoso), de onde teve lugar as “salvas” a Suas Majestades. Além disso, Pirro acompanhou Pedro II na visita ao canal do Pomonga, obra com vistas a melhorar a navegação dos produtos a serem exportados pela barra do Cotinguiba (CORREIO SERGIPENSE, 1859, nº 66 e 85).

Quatro meses depois da visita imperial a Sergipe, maio de 1860, o engenheiro militar foi convocado pelo Ministério da Guerra para servir na província do Amazonas como diretor de obras. Basílio Pirro partiu e deixou uma casa alugada na “rua do Socorro” em Aracaju. Em 1877, essa casa já estava desocupada e “arruinada”. A família Pirro nunca mais retornaria a Sergipe (JORNAL DO ARACAJU, 1877, nº 833).

2 Engenheiro Pirro na Província do Amazonas (1860-1862)

Pirro foi dispensado dos serviços em Sergipe e no dia 22 de junho de 1860 ele assumiu a direção das obras públicas na província do Amazonas (MIRANDA, 1860, p. 18). Na província amazonense, o engenheiro propõe mudança no regulamento de obras da província, a partir de sua experiência em Sergipe, para sanar problemas de fornecimento de material, pagamentos e contratação de mão de obra; definição de cargos e funções (CUNHA, 1861, p. 18).



Neste sentido, ele também propôs a criação de uma repartição de obras públicas na recém criada província do Norte. No entanto, Basílio Pirro passou pouco tempo na direção das obras públicas no Amazonas, pois ele fora designado para servir na província de Pernambuco.

3 Engenheiro Pirro na Província de Pernambuco (1862-1866)

Em 15 de setembro de 1862, o então major Pirro foi nomeado comandante do presídio de Fernando de Noronha, em Pernambuco. Três anos depois, 1865, ele foi nomeado diretor do Arsenal de Guerra do Recife (A REFORMA, 1873, nº 266). Nesse cargo, Pirro permaneceu até dezembro de 1866, pois o engenheiro deixou Pernambuco e foi nomeado comandante das armas da província do Amazonas. Sua intensa atividade e disciplina militar o habilitaram para serviços na longínqua região norte do Império (CORREIO MERCANTIL, 1867, nº 04).

340



4 De volta à província do Amazonas (1866-1870)

Em 31 de dezembro de 1866, Pirro deixou de ser diretor do Arsenal de Guerra de Pernambuco e na mesma data foi nomeado comandante das Armas da província do Amazonas, assumindo este comando em 14 de março de 1867. (CORREIO MERCANTIL, 1867, nº 04). Mas logo em seguida, Pirro foi escolhido para presidir interinamente a província amazonense. Assim, em 30 de março de 1867, ele administrou o governo do Amazonas como 1º vice-presidente, substituindo dr. Antônio Epaminondas de Mello, que assumiu o cargo de Deputado Geral na Corte. (ALMANACH, AM, 1884. p. 114).

Em sua breve administração, de 30 de abril a 09 de setembro de 1867, engenheiro Pirro sancionou uma lei de aumento da remuneração dos professores do ensino primário. Havia dois anos, desde 1865, que o professorado esperava por esse provento (AMAZONAS, 1867, nº 56).

Estes cargos, o de comando das armas e de presidente interino, demonstram que o engenheiro militar era um quadro de alta

confiança do governo central, sobretudo num ambiente disputado entre as lideranças locais, de uma província distante e ainda em formação.⁷ Isto se expressou, por exemplo, nas duas condecorações auferidas por Pirro: uma de cavaleiro da Ordem de São Bento de Avis, em 1862; e outra do oficialato da Ordem da Rosa por seus serviços em Sergipe, no Amazonas e em Pernambuco (DIÁRIO DO RJ, 1862, nº 274; Idem, 1867, nº 36)

Outra preocupação do engenheiro presidente no Amazonas foi com o estado das fortificações da fronteira do Império com a República do Peru.⁸ Assim, ele visitou Tabatinga para examinar as obras e enviar relato à Corte. Basílio Pirro não ficou animado com o que viu em Tabatinga por conta da má qualidade das construções, da falta de trabalhadores especializados e da atuação de apenas um engenheiro para toda a província, motivando atrasos nas construções. Ademais, Pirro retornou enfermo da viagem em barco a vapor de Tabatinga a Manaus (PYRRHO, 1867, p. 06)

Em setembro de 1867, Pirro deixou a presidência da província por se encontrar ainda doente. Ele seguiu de Manaus para Belém, e daí para a Corte em busca de melhor tratamento médico (AMAZONAS, 1867, nº 67).⁹

5 O Retorno a Pernambuco (1870-1874).

Saúde restabelecida, Basílio Pirro foi enviado para mais um serviço pelo Ministério da Guerra, e outra vez em Pernambuco. Assim, ele assumiu em janeiro de 1870 o comando interino do Forte Madame Bruyne, ou Forte do Buraco, em Recife. Parece que Pirro sabia que demoraria mais tempo nesta missão, como ocorrera em Sergipe. Prova disso é que dona Maria Vitória Pinheiro Pirro tornou-se membro da Irmandade de Nossa Senhora da Luz; e que seu filho Antônio passou a estudar no Ginásio Provincial; e por

7 A província do Amazonas foi criada em setembro de 1850.

8 O tratado de fronteira para demarcação dos limites entre o Brasil e o Peru foi celebrado em 23 de outubro de 1851. (FERREIRA, 1866. p. 03).

9 Supomos que engenheiro Pirro foi acometido por malária, comum na região, mas as fontes pesquisadas não informam.

fim, seu outro filho José trabalhou como praticante da Tesouraria de Pernambuco (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1872, nº 151; ALMANAK-PE, 1874, p. 99).

Dessa maneira, em junho de 1871, o engenheiro militar passou a comandar uma outra Fortaleza, a do Brum, ficando no cargo até o ano de 1873. Doravante, Pirro irá assumir cargos de caráter mais administrativo-militar do que de engenharia propriamente. Sendo assim, em outubro de 1873, o tenente-coronel Pirro deixou a fortaleza do Brum e foi mais uma vez nomeado para comandar o presídio de Fernando de Noronha. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1874, nº 04; JORNAL DO RECIFE, 1871, nº 128 e 199).

Mas nessa nova ocasião Pirro enfrentará o desafio de comandar um estabelecimento muito complexo. Por exemplo, o isolamento numa ilha em alto mar; proximidades com os sentenciados que moravam na vila; tentativas de fuga e contrabando de objetos proibidos; além da presença da família do comandante nesse ambiente, formavam um contexto de iminente tensão. Como veremos, Fernando de Noronha marcará a vida do engenheiro.

6 A Revolta dos Presos e a Repressão de Pirro (1874-1875).

Em janeiro de 1874, Pirro tomou posse no comando do presídio de Fernando de Noronha. No fim desse ano, precisamente na noite de Natal, um grupo de sentenciados planejou fugir da ilha usando, caso fosse necessário, expedientes atentatórios à vida das autoridades. Porém, o plano foi delatado, o líder e o grupo presos; todos severamente castigados pelo comandante e então coronel Basílio Pirro.

O líder da suposta fuga foi o preso e ex-major Antônio Feitosa de Mello. O plano foi denunciado por um “preto sentenciado” por nome Bernardo Vieira Camorim, que vira a reunião do grupo na casa do ex-major. Em troca, Camorim pediu a Pirro para cumprir os oito anos de prisão que lhe faltavam em Recife, por medo de perder a vida na ilha. No que foi atendido.

Conforme o delator, o ex-major Feitosa deliberara assassinar no dia 30 de dezembro de 1874 “todos os empregados do presidio” que se opusessem ao plano, tomar o cofre e fugir no vapor que chegaria de Recife em 02 de janeiro de 1875.¹⁰ Com esta informação, Pirro ordenou prender “em ferros” e castigar o ex-major com mais de trezentas “chibatadas de raiz de gameleira”, e seus cúmplices com “cem pranchadas”. E mais, Pirro ordenou que a guarnição assistisse ao castigo armada e municuada para evitar “animadversão” dos demais sentenciados; além de “assestar” para a praça do suplicio canhões da fortaleza dos Remédios com gente a postos. (A PROVÍNCIA, 1875, nº 486).

Feitosa de Mello negou todas as acusações. Com isso, deu-se início a uma guerra na imprensa liberal contra os atos de Pirro. O jornal de oposição mais contundente foi o “A Província”, de Recife, conduzido pelo liberal e abolicionista José Mariano.¹¹ Desta forma, as severas críticas contra as atitudes “tirânicas” de Pirro, se dirigiam sobretudo por ele não ter instaurado inquérito e investigação sobre os fatos para punir, sob a legislação, os possíveis culpados da tentativa de fuga.

O periódico também reclamou da proteção em favor de Pirro dos governos provincial e central, por ele não ter respondido a um tribunal militar ou conselho de guerra, ficando impune por castigar como escravo “um cidadão”, sem provas cabais, apenas baseado em “meras suposições e infundados indícios”. O jornal dizia ainda, entre outras coisas, que Pirro teve o beneplácito dos poderes constituídos para ferir a Constituição. Assim, o caso virou noticiário político-ideológico e policial nas páginas da gazeta.

10 Antônio Feitosa de Mello cumpria pena por “crime de moeda falsa” numa casa para sentenciados militares da Ilha. Um ano antes, o ex-major tentara sublevar presos de Noronha durante o comando de um antecessor de Pirro. Em 1848, ele fora preso em Noronha e perdera sua patente de major do corpo de polícia de Pernambuco e o cargo de feitor conferente do consulado provincial por participar da Revolta Praieira (1848-1850), de caráter liberal e republicana.

11 José Mariano Carneiro da Cunha (1850-1912) formou-se em 1870 na Faculdade de Direito do Recife. Em 1872, fundou o “A Província”, órgão do partido Liberal. Tornou-se líder abolicionista, e fundou importante agremiação na luta contra a escravidão. Foi Deputado Geral entre 1878-1885. Ele também teve atuação marcante na República Velha. Disponível em: <https://www.ufpe.br/arquivocj/>. Acesso em: 02 jun. 2023.



O A Província concluiu também que Pirro teria praticado uma “vingança” contra um ex-militar liberal e ex-revoltado Praieiro. Por isso, vertia-se notas “execrando” o comandante do presídio, descrevendo detalhes melodramáticos da execução dos castigos, apelando para a sensibilidade popular e inflamando revolta contra a monarquia.¹² Por fim, publicou-se que Pirro teria proteção do poderoso líder do partido conservador José Maria da Silva Paranhos (1819-1880), o visconde do Rio Branco, então presidente do Conselho de Ministros (A PROVÍNCIA, 1875, nº 523).

Quanto à Basílio Pirro, ele escreveu cartas, ofícios e juntou testemunhos para justificar seus atos ao governo imperial. O comandante Pirro apelou para a descrição de um contexto de iminente perigo para sua integridade e da própria família, expostos numa ilha de tradicional foco de revoltosos e fujões.¹³ A bem da verdade, o prestimoso engenheiro militar foi blindado pelas autoridades do Império, assumindo em janeiro de 1875 o comando da fortaleza do Brum em Recife, um mês após o ocorrido. E mais, em julho de 1875, Pirro já estava no Rio de Janeiro, não para responder ao tribunal militar, mas para iniciar nova etapa de serviços a serem prestados ao Ministério da Guerra.¹⁴

12 Conforme o historiador Nelson Werneck Sodré, os envolvidos na Revolta Praieira chegavam às ruas do Recife acorrentados ou atados por cordas. E inúmeras vezes eles eram “publicamente chibatados” no quartel da polícia. Os Praieiros foram aprisionados em Fernando de Noronha até a anistia em 1851 (SODRÉ, 1966. p. 176).

13 O ex-major Feitosa encerra uma carta publicada afirmando que a esposa de Pirro, a sergipana Maria Vitória, influenciou o marido para que o castigasse. Segundo ele, ela é quem “governa o presídio”, sempre acompanhada por um “negro escravo seu fiel chaveiro”, por nome de “Manoel Barriguinha” (A Província, 1875, nº 493, p. 02).

14 De fato, Basílio Pirro era muito próximo do poderoso Visconde do Rio Branco, desde quando Paranhos se formou na Escola Militar em 1843, assim como Pirro, com patente de alferes no Corpo de Engenheiros. O visconde voltou para a vida civil, tornando-se professor da Academia Militar. Em 1874, ano do ocorrido em Fernando de Noronha, Paranhos se tornou deão da recém criada Escola de Engenharia (atual Escola Politécnica da UFRJ). Paranhos exerceu também a atividade de jornalista, e foi ministro da Marinha, dos Negócios Estrangeiros e da Fazenda. Disponível em: <https://antigo.funag.gov.br>. Acesso em: 03/06/2023.

Figura 01: Ruínas do presídio de Fernando de Noronha.



Fonte: Disponível em: www.seumochilao.com.br. Acesso em: 14/04/2023 .
 Autoria: desconhecida

7 Do Comandante “Carrasco” ao Inspetor Disciplinar (1877-1880).

Ânimos acalmados e passada a guerra de acusações nos mares de Noronha, Pirro e a sua família retornaram à Corte sob a proteção do Imperador e do amigo Paranhos.¹⁵ Daí por diante, Basílio Pirro viverá dias menos turbulentos, prestando serviços como inspetor do Ministério da Guerra, fiscalizando estabelecimentos e, ironias à parte, verificando a disciplina dos corpos militares, em companhia de seu ajudante de ordens.¹⁶

Sendo assim, o coronel engenheiro percorrerá o Império. Em 1877, Pirro foi designado para inspecionar a companhia de cavalaria na província do Espírito Santo. E entre dezembro de 1877 e maio de 1878, ele inspecionou o batalhão de artilharia a pé do Amazonas,

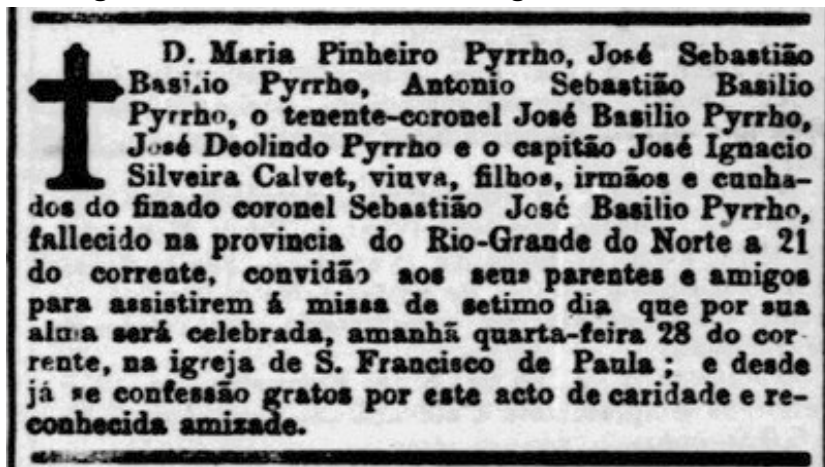
15 Dois anos depois do episódio das chibatadas “com raiz de gameleira” nos sentenciados aplicadas por Pirro, o presídio de Fernando de Noronha passou da alçada do Ministério da Guerra para o da Justiça. (Correio da Bahia. 1877, nº 190, p. 01).

16 A aprovação do capitão João Nunes Sarmento como ajudante de ordens também demonstra a proteção do governo imperial sobre Pirro pelo ocorrido em Noronha (Correio da Bahia. 1877, nº 134, p. 02).

recebendo nota de louvor do Ministério da Guerra pela inspeção nessas províncias. Já entre 1879 e 1880, com a saúde dando sinais de abalo, Pirro continuou a fazer inspeções militares nas tropas de linha nas províncias de Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte (CORREIO DA BAHIA, 1877, nº 190).¹⁷

Nesta última província, o coronel Basílio Pirro faleceu em serviço no dia 21 de abril de 1880. Não foi possível saber a causa da morte do engenheiro militar. Supomos que Pirro teria falecido em consequência de um ataque cardíaco fulminante, porque ele morreu subitamente em pleno trabalho, distante da Corte e dos familiares. Três meses depois, dona Maria Vitória Pinheiro Pirro faleceu no dia 09 de julho de 1880 (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1880, nº 220).

Figura 02: Nota de Falecimento do Engenheiro Basílio Pirro.



Fonte: Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 27/04/1880, nº 117, p. 04.

17 Em julho de 1879, Pirro foi agraciado pelo Imperador de oficial para comendador da Imperial Ordem da Rosa por serviços à “Disciplina do Exército”. (JORNAL DO COMMERCIO, 1879, nº 213, p. 01). Em agosto, Pirro inspecionou os corpos de guarnição na província da Paraíba e tratou de processos instaurados contra praças da polícia (O LIBERAL PARAYBANO, 1879, nº 47, p. 02).

Conclusão

Sebastião José Basílio Pirro teve uma trajetória muito ligada a Sergipe. Primeiro pelo trabalho como engenheiro militar, vivendo por mais de uma década na província e participando ativamente de um dos mais importantes fatos históricos, que foi a transferência da capital. O outro vínculo com Sergipe foi de caráter familiar. Ele se casou com a sergipana Maria Vitória Pinheiro Pirro e constituiu família. E praticamente iniciou sua carreira de engenheiro militar em Sergipe, quando aportou ainda jovem como 1º tenente. Pirro também deixou seu nome num topônimo antigo da cidade de Aracaju; o Alto do Pirro, hoje um lugar já desaparecido (JORNAL DE SERGIPE, 1879, nº 58).

Apesar dos diversos serviços prestados pelo engenheiro militar em Sergipe, ele foi homenageado apenas com um pequeno trecho de rua que leva seu nome, no bairro Santo Antônio, em Aracaju. Pirro teve toda sua vida dedicada a servir o Império, tanto no setor de obras como no da administração e disciplina militares.

Neste sentido, Basílio Pirro não foi apenas o projetista apressado que obedeceu a uma resolução provincial para construir a nova capital de Sergipe em 1855. Ele viajou pelo Brasil prestando serviços ao Ministério da Guerra, buscando sua ascensão funcional, sempre prestativo às ordens de seus superiores, e morreu em serviço. Dessa maneira, coronel Pirro foi um funcionário que prestou relevantes serviços ao império brasileiro por cerca de quarenta anos.

Pirro por um lado ancorou-se em sua rede de relações na máquina pública, e por outro lado foi fiel cumpridor de seus deveres, fazendo funcionar o regime. Ele foi assim um funcionário representativo do segundo escalão no século XIX. Dito isto, poderíamos enquadrá-lo como bem o fez o mestre Antonio Candido sobre outro servidor do Império. Ouçamo-lo: “morto, um homem desses acaba rapidamente, por que funcionou num escalão secundário, que não dá ingresso à História” (CANDIDO, 2007, p. 131).



Referências

ALMEIDA, Pe. Aurélio Vasconcelos de. *Esboço biográfico de Inácio Barbosa*. Aracaju: Sercore, 2002. v. II.

ANDRADE, Amâncio João Pereira de. *Regulamento da repartição das obras públicas*. Sergipe, 11 de novembro de 1850.

ANDRADE, Amâncio João Pereira de. *Relatório com que foi entregue a administração da província*. São Cristóvão, 19 de julho de 1851.

BARBOSA, Inácio Joaquim. *Fala recitada na Assembleia Legislativa*. São Cristóvão, 20 de abril de 1854.

BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, v. 07, 1902.

CANDIDO, Antonio. *Um funcionário da Monarquia: ensaio sobre o segundo escalão*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

CARDOSO, Amâncio. *Sob o signo da peste: Sergipe no tempo do cholera (1855-1856)*. Campinas-SP: Unicamp/IFCH, 2001. (Mestrado em História Social).

CUNHA, Manoel Clementino Carneiro da. *Fala dirigida à Assembleia Provincial do Amazonas*. Manaus: Typographia de Francisco José da Silva Ramos, 03 de maio de 1861.

FERREIRA, Gustavo Adolpho Ramos. *Relatório de Governo*. Manaus, 05 de setembro de 1866.

FREIRE, Felisbelo. *História de Sergipe*. 3. ed. São Cristóvão: Editora da UFS; Aracaju: IHGSE, 2013.

GALVÃO, Manuel da Cunha. *Relatório apresentado à Assembleia Provincial de Sergipe*. Bahia: Typographia Poggetti de Catellina, 05 de março de 1860.

GOES e VASCONCELOS, Zacarias de. *Fala à Assembleia Provincial*. São Cristóvão, 01 de março de 1849, p. 34.

MENDES, Cândido. *Atlas do Império do Brazil*. Rio de Janeiro: Lithographia do Instituto Philomathico, 1860.

MIRANDA, Manoel Gomes Correia de. *Fala dirigida à Assembleia Provincial do Amazonas*. Manaus: Typographia de Francisco José da Silva Ramos, 03 de novembro de 1860.

PIRRO, Sebastião José Basílio. *Relatório das obras*. Aracaju, 26 de fevereiro de 1859.



- PIRRO, Sebastião José Bazílio. *Relatório entregue ao 5º vice-presidente*. Manaus: Typographia do Amazonas de A. da C. Mendes, 09 de setembro de 1867.
- SÁ e BENEVIDES, Salvador Correia de. *Relatório para Assembleia Provincial*. Aracaju, 02 de julho de 1856.
- SANTOS, Luiz Álvares dos. *Viagem Imperial à Província de Sergipe*. Bahia: Typographia do Diário, 1860.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Biografia como gênero e problema. *História Social*, n. 24, 1º semestre de 2013.
- SILVA, Francisco Pereira da. *Relatório das obras públicas*. Aracaju, 26 de fevereiro de 1859.
- SILVA, José Antônio de Oliveira. *Relatório apresentado à Assembleia Legislativa*. Sergipe: Typographia Provincial, 1852.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- TRAVASSOS, Antônio José da Silva. *Apontamentos históricos e topográficos sobre a província de Sergipe*. Aracaju: Secult, 2004.

Periódicos:

- Almanach Administrativo, Histórico e Mercantil da Província do Amazonas*. Manaus: Typ. do Amazonas de José Carneiro dos Santos, 1884.
- Almanak da Província de Pernambuco*. Recife, Typographia Universal, 1874.
- Almanak do Ministério da Guerra*. Rio de Janeiro: Typ. da América, 1873.
- Almanak do Ministério da Guerra*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1880.
- Almanak Militar*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1858.
- Amazonas*. Manaus, 27 de junho de 1867, nº 56.
- Amazonas*. Manaus, 29 de agosto de 1867, nº 65.
- Amazonas*. Manaus, 14 de setembro de 1867, nº 67.
- A Província*. Recife, 13 de janeiro de 1875, nº 486.
- A Província*. Recife, 14 de janeiro de 1875, nº 487.
- A Província*. Recife, 21 de janeiro de 1875, nº 493.
- A Província*. Recife, 07 de fevereiro de 1875, nº 507.

- A Província*. Recife, 28 de fevereiro de 1875, nº 523.
- A Reforma*. Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1873, nº 247.
- A Reforma*. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1873, nº 249.
- A Reforma*. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1873, nº 249.
- A União Liberal*. São Cristóvão-SE, 27 de maio de 1854, nº 122.
- Correio da Bahia*. Salvador, 05 de setembro de 1877, nº 134.
- Correio da Bahia*. Salvador, 13 de novembro de 1877, nº 190.
- Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, 04 de janeiro de 1867, nº 04.
- Correio Sergipense*. São Cristóvão, 14 de abril de 1849, nº 25.
- Correio Sergipense*. São Cristóvão, 06 de junho de 1849, nº 39.
- Correio Sergipense*. São Cristóvão, 14 de novembro de 1849, nº 80.
- Correio Sergipense*. São Cristóvão, 20 de julho de 1853, nº 47.
- Correio Sergipense*. São Cristóvão, 1851, 1852, 1853, nº 80, 37, 30 respect.
- Correio Sergipense*. Aracaju, 02 de junho de 1855, nº 25.
- Correio Sergipense*. Aracaju, 11 de abril de 1857, nº 19.
- Correio Sergipense*. Aracaju, 20 de novembro de 1858, nº 56.
- Correio Sergipense*. Aracaju, 11 de maio de 1859, nº 30.
- Correio Sergipense*. Aracaju, 12 de outubro de 1859, nº 66.
- Correio Sergipense*. Aracaju, 17 de dezembro de 1859, nº 85.
- Correio Sergipense*. Aracaju, 20 de maio de 1860, nº 42.
- Diário de Pernambuco*. Recife, 05 de julho de 1872, nº 151.
- Diário de Pernambuco*. Recife, 06 de janeiro de 1874, nº 04.
- Diário de Pernambuco*. Recife, 11 de agosto de 1879, nº 183
- Diário do Rio de Janeiro*. 31 de outubro de 1848, nº 7933.
- Diário do Rio de Janeiro*. 23 de setembro de 1862, nº 261.
- Diário do Rio de Janeiro*. 23 de setembro de 1862, nº 274.
- Diário do Rio de Janeiro*. 19 de fevereiro de 1867, nº 36.
- Diário do Rio de Janeiro*. 21 de outubro de 1867, nº 275
- Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 de abril de 1880, nº 114.



Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 09 de agosto de 1880, nº 220.

Jornal do Aracaju. 01 de outubro de 1873, nº 426.

Jornal do Aracaju. 19 de julho de 1877, nº 833.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1860, nº 141.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 17 de julho de 1864, nº 198.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 02 de agosto de 1879, nº 213.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 27 de abril de 1880, nº 117.

Jornal de Sergipe. Aracaju, 1879, nº 58, p. 02

Jornal do Recife. 06 de outubro de 1865, nº 232.

Jornal do Recife. 05 de fevereiro de 1870, nº 28.

Jornal do Recife. 09 de maio de 1880, nº 106.

O Liberal Parahybano. 30 de agosto de 1879, nº 47.

